

A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA E OS TRANSPARENTES

THE ISSUE OF IDENTITY IN *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* AND *OS TRANSPARENTES*

André Bumba¹

RESUMO: A questão da identidade está entre os temas mais abordados nas várias manifestações do pensamento contemporâneo, na pintura, música, arquitetura, cinema, literaturas e outras formas de fazer arte. Existem várias manifestações literárias em que se coloca na ribalta a questão da identidade, como narrativas, poesias e textos dramáticos. Nesta nossa abordagem, selecionamos duas obras de autores que apresentam realidades culturais diferentes. Em *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago (português) faz um retrato da sociedade contemporânea, sem os parâmetros sólidos e estáveis da identidade, uma vez que, a partir da proliferação da cegueira, o indivíduo assume outras formas de representação da identidade para se impor às situações geradas pela epidemia da cegueira. Em *Os transparentes*, Ondjaki (angolano) mostra, a partir de histórias permeadas pelo afeto, pela imaginação, a identidade de moradores de um prédio de um bairro de Luanda, entendido como “entidade viva”, onde se manifestam as diversas formas identitárias (coletivas e individuais) dos seus habitantes. Uma narrativa que cativa o leitor pela linguagem poética bem-humorada, retratando um país dividido entre a modernidade pós-colonial e as tradições africanas.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; literatura; *Ensaio sobre a cegueira*; *Os transparentes*.

ABSTRACT: The issue of identity is among the most discussed themes in the various manifestations contemporary thought, in the arts such as painting, music, architecture, cinema, literature and others. In our approach, we selected two works by authors from the literature in portuguese, but which presente different cultural realities. In *Essay on blindness*, José Saramago (portugues) portrys contemporary society without the solid and stable parameters of identity, since, from the proliferation of blindness, the individual takes on other forms of representation to impose himself in situations generated by epidemic of blindness. In *Os transparentes*, Ondjaki (angolan) shows, from stories permeated by affection, by imagination, the identity of residents of a building in a neighborhood in Luanda, understood as “living identity” (collective and

¹ Mestre em Ensino das Literaturas em Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda – Angola. Doutorando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Bolsista Capes – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1963-4604>. E-mail: andrumbumba69@gmail.com.

individual) are manifested of its inhabitants. A narrative that captivates the reader by the humorous poetic language, portraying a country divided between post-colonial modernity and african traditions.

KEYWORDS: identity; literature; *Ensaio sobre a cegueira*; *Os transparentes*.

1. As narrativas

Em *Ensaio sobre a cegueira*, a narrativa começa num lugar e tempo não identificados. Algumas marcas dão-nos a pensar em se tratar de uma cidade moderna: os semáforos, automóveis, pessoas a atravessarem a estrada, buzinas e o frenesim provocado pelo automóvel parado à frente. Depois de ter sido levado a casa pelo socorrista que lhe roubou o carro, posteriormente, o cego vai ao oftalmologista e descreve a sua cegueira. Porém nos exames feitos pelo médico o resultado é admirador e preocupa o médico que vê o caso como inédito, pois os olhos do paciente estão sãos, sem lesões aparentes. Aí nasce uma ideia de que a cegueira em retrato não é a cegueira normal detetada pelos oftalmologistas, mas uma cegueira que transcende as expectativas clínicas para representar um estado de situação que leva a narrativa para abordagens mais profundas da condição humana (SARAMAGO, 2006, p. 11-12,22-23).

A história prossegue, mostrando como o ladrão, o médico oftalmologista seus pacientes se tornam cegos, mas esta cegueira não se apanha por contágio, é uma questão individual, entre a pessoa e os seus olhos. Com muito pouco tempo, a epidemia se propaga e as autoridades decidem colocar os cegos em quarentena. Esses são recolhidos para um manicómio, supostamente, para evitar o contato com os que não cegaram e, é dividido em duas alas dispostas em camaratas. Segundo as autoridades, uma das alas seria para os cegos e a outra para as pessoas que coabitaram com os mesmos. As duas alas estão separadas por um imenso corredor. As autoridades formulam um regulamento composto por quinze regras expressas por via de um altifalante. Essas regras, segundo as autoridades, devem ser cumpridas à risca para evitar que todos cegam. Esta medida do Governo deixa os presos em uma preocupação

alarmante, pois não sabem como poderão cumprir as regras se eles não veem e ainda em saber quem irá cuidar deles uma vez que não enxergam. A alimentação foi provida pelo Governo, tal como o lugar (SARAMAGO, 2006, p. 48,68-69).

Ao longo da narrativa os contaminados roubam a comida destinada aos cegos e acabam mortos pelos disparos dos soldados, entendidos que se tratava de violação às leis estabelecidas no regulamento do manicómio. Esta situação conhece mais contornos, pois a comida se escasseia à medida que vão entrando mais cegos ou pela ausência de condições higiénicas aceitáveis. Devido a um grupo de cegos que se instalou no fundo do corredor, os habitantes do manicómio vão experimentar momentos de terror, talvez a parte mais crítica da narrativa. Roubam toda a comida, ameaçam outros cegos e cobram para que esses tenham acesso à comida. Pedem favores sexuais às mulheres das outras camaratas em troca de comida. Violam as mulheres para que demais cegos tenham comida e não morram de fome. Estes momentos de terror e angústia terão encontrado o fim, quando a mulher do médico, a única com visão no manicómio, mata o chefe dos cegos malvados com tesouradas, permitindo a fuga das restantes que, na altura, sofriam o estupro (SARAMAGO, 2006, p. 188-189).

Depois da morte do chefe dos cegos malvados, as coisas não melhoraram, pois, o cego contabilista assume a liderança dos maus e os maltratos continuam, levando os cegos esfomeados a culparem a mulher do médico como sendo a responsável daquele estado lastimável em que se mergulharam, tudo porque os malvados estão irados pela morte do chefe, protagonizada por ela. Porém, o último ato para a saída do manicómio e para a “liberdade” dos cegos vem, mais uma vez, de uma mulher. Um autêntico martírio, pois a mulher sai da camarata e joga fogo nos colchões para matar os cegos malvados, acabando por morrer queimada com os seus algozes (SARAMAGO, 2006, p. 208).

Os soldados guardas do manicómio já não se encontravam nas suas posições. No meio desta situação, a mulher do médico anuncia aos cegos em sua companhia que estavam livres do inferno daquela quarentena e que estavam livres graças ao fogo que destruiu o prédio.

Cansados, decidem repousar, conversar e tomar decisão para o regresso às casas, sempre com a única guia, a mulher do médico. Ficam todos num único sítio enquanto a mulher do médico vai à procura de alimento, antes de começar a difícil tarefa de encontrar as residências. O itinerário será estabelecido por ordem de distância (SARAMAGO, 2006, p. 212).

Finalmente, a casa da mulher do médico será a morada de todos. Às noites, a mulher do médico lia uns tantos capítulos de um livro. Era a única maneira de entreter os cegos em sua companhia. Subitamente, o primeiro cego grita e diz que está a ver e, um a um, todos ficam livres da cegueira branca (SARAMAGO, 2006, p. 306-307).

Em *Os transparentes* a narrativa começa, como em *Ensaio sobre a cegueira*, num clima caótico – um incêndio, neste caso, envolvendo, igualmente, um cego. O fogo consumia o prédio sob o olhar preocupante dos habitantes do mesmo que observavam o perigo a chegar mais perto das suas vidas ou dos seus mais próximos. Era um autêntico inferno. As ruturas na canalização deixavam a água jorrar permanentemente e encharcavam-se com ela para se proteger da ação devoradora do fogo; tossia-se com dificuldade. A primeira manifestação de desespero veio da parte do cego que, vivendo o horror da temperatura excessiva transmitida pelo calor do fogo, quer completar a perceção pela visão de que está vedado, solicitando que seu companheiro e guia lhe desse a conhecer a cor do fogo que consumia o prédio. Xilisbaba entra na narrativa com a preocupação de criar meios de proteção para suportar o fogo, enquanto os outros a seguiam num gesto de solidariedade. O fogo devorava aquele labirinto escuro que impunha respeito aos seus moradores (ONDJAKI, 2012, p. 11,14-15).

As duas primeiras personagens apresentadas pelo narrador, o Cego e o VendedorDeConchas conheceram-se num semáforo. O Cego terá gostado do barulho das conchas, quando seu saco deslizou (ONDJAKI , 2012, p. 20).

Daí seguem relatos e retractos do quotidiano dos habitantes do prédio, dos seus costumes, indumentárias, cardápios, diversões, afazeres, reveses, até que um dia chega o Ministro junto ao prédio, desce e manda o motorista dar algumas inúteis voltas nas ruas engarrafadas de Luanda, com aquele trânsito impassível. O Ministro não suportou as condições deploráveis do prédio e, mesmo disfarçado, a sua indumentária queixou-se dele. O motorista, preso ao trânsito, deu aso à exposição da imagem do Ministro que o esperava na entrada do prédio (ONDJAKI, 2012, p. 35,36).

Nesta Luanda, o devir proporciona motivos de abordagem bem aproveitados pelo narrador. O que posteriormente mexe com a narrativa é a descoberta do ouro negro no subsolo de Luanda. A notícia cria interesse de pessoas poderosas que sugerem projetos e inventam novas formas para se enriquecer e aumentar a burguesia. Cria a CIPEL (Comissão Instaladora do Petróleo Encontrável em Luanda) e a comissão é instalada, sem o conhecimento dos cidadãos que, simplesmente, se assustam com as escavações (ONDJAKI, 2012, p. 71).

Outro momento de distração da população é o advento de um eclipse em Luanda. O governo anuncia um inesquecível espetáculo: o aparecimento de um eclipse. Convidam-se cientistas, importam-se óculos para o efeito, prepara-se uma grande festa com balões, as arcas frigoríficas são apetrechadas de cervejas, até se discute o aumento de feriados nacionais para comemorar acontecimentos importantes, como o do eclipse que se avizinha. O aeroporto 4 de Fevereiro estava ao rubro com a chegada de estrangeiros que fariam parte da comunidade científica para a observação do fenómeno inédito. Os panfletos e as placas publicitárias mostravam aos estrangeiros a magnitude e o impacto deste

fenómeno a ocorrer de modo particular e singular em Luanda: “não se deixem eclipsar. Cá se assistem” (ONDJAKI, 2012, p. 287).

A caminho do hotel, os cientistas e alguns turistas, todos estrangeiros, observavam a cidade de Luanda que se preparava para receber o fenómeno do sistema solar, um fenómeno que muitos países nunca tiveram a sorte de a natureza listar-lhes. Anúncios por todo lado em contraste com os buracos e escavações, para se encontrar o petróleo em Luanda.

Para além da instalação da CIPEL, que transfigurava a cidade de Luanda com seus buracos, e do anúncio das comemorações do eclipse a acontecer em Luanda, outros factos fazem o devir daquela moderna cidade:

Noé expulsa chineses da sua residência, instala uma sociedade religiosa. E no terraço do prédio *dOs transparentes*, mais uma iniciativa do poder criativo dos luandenses vem à tona. É montada uma tela para cinema. Sua inauguração é em apoteose: salão perfumado, flores, indumentária especial, arrumações a jeito da banda. Morava conforto em todas as dimensões naquele salão de diversões. (ONDJAKI, 2012, p. 299).

A narrativa toma outros caminhos, a partir de duas intervenções do senhor camarada Presidente da República de Angola. Uma anunciando o cancelamento das comemorações do eclipse total, devido ao falecimento da senhora Ideologia, considerada como um dos principais pilares da vida cívica e moral da nação, e outra anunciando alegremente o aparecimento do petróleo em Luanda, perto do prédio *dOs transparentes*, levando o presidente a visitar o prédio mais mediático da cidade de Luanda. Nas duas intervenções encontramos situações paradoxais: a primeira intervenção, vai provocar mudanças profundas implicações sociais, políticas e culturais. O fenómeno natural é interrompido pela vontade humana, segundo as autoridades angolanas e as notícias da Rádio Nacional. Porém, segundo as notícias difundidas pela BBC, na voz do seu correspondente em Angola, a NASA terá

anunciado alterações no movimento planetário, como causa da não ocorrência do tão esperado eclipse. (ONDJAKI, 2012, p. 362-363). Na segunda intervenção, a do anúncio do aparecimento do petróleo em Luanda, a intervenção foi interrompida pelo suposto atentado que estaria sujeito o senhor camarada presidente no prédio e, mais uma vez, a BBC anunciará que o presidente estaria salvo e a situação controlada, ante a indiferença da Rádio Nacional (ONDJAKI, 2012, p. 395).

A narrativa termina tal como começou: um incêndio envolvendo o Cego e VendedorDeConchas que, finalmente, anuncia ao Cego a cor do fogo: “é um vermelho devagarinho, mais-velho... é isso um vermelho devagarinho...” (ONDJAKI, 2012, p. 425).

1.1 A cegueira

A epidemia de cegueira não aparece pela primeira vez na literatura com José Saramago e Ondjaki. Ela já foi de ângulo temático em várias narrativas, poesias e dramas, sobretudo quando se criam personagens trágicas, enigmáticas, curiosas, às quais o autor atribui essa enfermidade.

Um dos exemplos de cegueira na literatura vem-nos da Roma clássica, na obra *Metamorfoses* de Ovídio (apud SILVA 2008). Ele refere que:

Tirésias ficou cego por conta de uma disputa entre Júpiter e Juno. Júpiter, em meio a uma bebedeira, trava com sua esposa Juno uma discussão sobre qual dos sexos sentiria mais prazer. Juno afirma que são os homens, e Júpiter, as mulheres. Para resolver a contenda chamaram Tirésias, pois sabiam da sua experiência sobre o assunto: tempos atrás ele tinha sido enfeitado por duas cobras que copulavam e foram interrompidos por um golpe acidental do seu cajado. Durante sete anos, Tirésias viveu em corpo de mulher e, mais tarde, reencontrando os mesmos répteis, reverteu a metamorfose. Tendo vivido a vida na forma de mulher e homem, Tirésias afirma ao divino casal que a mulher sente um prazer superior. Como contradiz a opinião de Juno, a deusa condena-o a escuridão da cegueira. Júpiter, porém, compensa-lhe a perda da visão com a sabedoria e o dom de

predizer o futuro. O procedimento do supremo deus não desfaz o castigo imposto pela esposa, uma vez que não é lícito um deus desfazer a obra do outro, mas a menos o abranda. (SILVA, 2008, p. 14).

Sant'Anna (apud SILVA, 2008, p. 15-16), faz referência a lenda de Lady Godiva, segundo a qual, no ano de 1057, na Inglaterra, havia um conde que cobrava impostos muito altos aos seus súbditos. Sua esposa, Lady Godiva, solicitava-lhe que fosse menos áspero, mas ele não cedia. Um dia, ele propõe a sua esposa que, se ela desfilasse nua pela cidade, sobre um cavalo em pêlo, ele aboliria os impostos excessivos. A corajosa Lady aceita a proposta e o Conde, seu marido, enciumado, determina que ninguém assista ao desfile, permanecendo trancados em casa, com portas cerradas. Porém, um homem resolveu fazer um buraco na janela da sua casa para ver a Lady passar, e a transgressão deste olhar teve a devida punição: o homem ficou cego. Cegou porque viu o que não devia ver. Se alguém insiste em ver o interdito, deve ser cegado para que a autoridade e o sistema permaneçam.

A partir destes trechos que a literatura nos oferece, desde a antiguidade até aos nossos dias, podemos compreender que o tema da cegueira esteve sempre atrelado à crítica social, à ética, à moral ou aos costumes.

2. Sobre a identidade

As formulações sobre a identidade estão abertas a várias acepções e contestações, e as tendências da sua abordagem são demasiadamente ambíguas. Para Hall, “o próprio conceito, a identidade, com o qual estamos a lidar é complexo e pouco desenvolvido, e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL, 2002, p. 8).

As identidades são construídas a partir da interação humana, dos traços comuns que os indivíduos partilham cultural e socialmente, tais como regras,

objetivos, valores, religião e outros. A padronização das atitudes tem grande influência na formatação da identidade do indivíduo, uma vez que este perde valores como a criatividade e pode provocar a resistência às mudanças e à volatilidade do devir moderno. A padronização faz com que os indivíduos tenham uma identidade baseada num ambiente confortável e estático, presos nos valores a que estão habituados e ancorados numa maneira de ser e agir achada correta.

Para Hall (2002) o sujeito da Pós-modernidade, ele está sem identidade fixa, tornando-se móvel, obviamente. Aqui, o sujeito assume, em diferentes momentos, identidades diferentes. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente parece uma utopia. Sobre o sujeito pós-moderno, postula-se que a identidade não é vista como única, fixa ou permanente, modificando-se constantemente, e Hall aborda isso com clareza:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu coerente”. (HALL, 2002, p. 12, 13).

O que ocorre, neste sentido, é uma multiplicidade de identidades possíveis, com uma das quais nos podemos identificar temporariamente.

As identidades coletivas são formadas quando indivíduos de características diversas e até mesmos diferentes se unem dentro de um mesmo sistema de cultura e sociedade, orientados para um mesmo objetivo. Essa união vai efetivar-se na partilha de valores, crenças, hábitos, pensamentos, atitudes, definindo assim as suas identidades. Hall apresenta as bases desta identidade cultural coletiva quando afirma que:

Nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno”, quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis, por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real. (HALL, 1996, p. 68b).

Quando a pessoa se assume como indivíduo e se sente motivada pelo autointeresse, pondo em alta as suas características e traços individuais, pretende orientar a sua identidade na linha pessoal, mas quando se coloca como membro de um grupo social, como um ser em relação com outros, o indivíduo está a construir uma identidade relacional, velando pelo benefício do outro. A conformação da identidade individual é importante na integração do indivíduo no grupo, porque permite que ele seja diferente dos outros indivíduos no grupo. Assim, definido com parte do grupo, o indivíduo começa a construir uma identidade coletiva.

Outra acepção da identidade que importa realçar na nossa abordagem é a identidade nacional, que nos remete para o fato de que, quando pertencemos a uma nação, partilhamos valores comuns, um conjunto de características comuns, dentro de um coletivo. Na perspectiva de Zygmunt Bauman, a identidade nacional está ancorada na ideia de Estado-Nação, pois é o Estado quem cria as condições para a existência e preservação dessa identidade. O Estado estabiliza-a, impõe elementos coletivos, pelos quais todos os indivíduos pertencentes a um território se revêem. O mesmo autor recalca a seguir:

O Estado busca a obediência dos seus indivíduos, representando-se como concretização do futuro da nação e a garantia da sua continuidade. (...). Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar o agregado das suas tradições, dialetos, leis constitucionais e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional. (BAUMAN, 2004, p. 27).

Está visão aponta a identidade como uma raiz única que exclui o “outro”, reduz qualquer visão individualista da identidade, embora se reconheça que a coesão, a unidade e a comunidade são constituídas pelos indivíduos, sendo contribuintes necessários à formação do Estado-Nação.

Quanto à desconstrução, a nossa abordagem pretende considerá-la como resultado de uma mudança, de um conjunto de transformações a ocorrer tanto no indivíduo quanto na sociedade em que se incardina. Ela opõe-se ao carácter conservador das identidades construídas, sustentadas pelas crenças, pelos valores e pelas regras. A instabilidade, o carácter efémero, a volatilidade e o caos são os principais causadores da desconstrução das identidades.

Nas abordagens de Stuart Hall (2002), encontramos três conceitos identitários sobre o sujeito, que resumem as diversas visões que apresentamos: i) o sujeito do iluminismo, com a ideia de uma identidade central e original que corresponde a uma existência determinante, mas também um sujeito individualista; ii) sujeito sociológico, onde o sujeito e a estrutura suturam-se e completam-se, tendo a identidade a função de estabilizar tanto o sujeito, quanto a sociedade onde vive; iii) sujeito pós-moderno, caracterizado pela alienação e ocorrência de multiplicidade de identidades.

2.1 Identidade em Ensaio sobre a cegueira

Em literatura portuguesa, José Saramago torna-se o escritor da pós-modernidade que trouxe a tentativa de mudança daquela ancoragem em que se prendia o indivíduo moderno com seus papéis rigidamente determinados. Ele vai apresentar-nos o sujeito pós-moderno nesta obra, pois a literatura é um espaço em que as localizações do sujeito e as construções e desconstruções das identidades afloram, dando-nos a conhecer como os indivíduos de diversas épocas concebiam, construíam e desconstruíam suas identidades. Pretendemos, nesta abordagem, entender como o autor lida com a questão da

identidade. Saramago trata a questão da identidade em outras obras como *Memorial do convento* e *Todos os nomes*. Porém, a nós, preferencialmente, interessa-nos tratar a tão abordada questão em *Ensaio sobre a cegueira*, por convir melhor ao estudo em curso.

No sentido geral, a situação dos personagens é a seguinte: no início da diegese todos possuíam a visão em condições de enxergar e, num repente, cegam. À medida que o número de cegos aumenta, são alojados e isolados em um manicómio. São mantidas em forte vigilância, pois o risco de contaminação é muito grande e recebem água, comida e remédios, que, com o passar do tempo, começa a faltar. Portanto, os personagens que viam, cegam e, devido a esse facto, passam a viver uma nova experiência, habitando num novo mundo.

A narrativa começa de uma forma que, independentemente de não indicar onde se desenrola o enredo, traz-nos a ideia de que tudo começa num lugar com características modernas: sinais luminosos ou simplesmente semáforos, azáfama da cidade e congestionamento automóvel, próprio das cidades modernas, buzinas, pessoas a atravessar a estrada. Não há quaisquer referências específicas ao lugar. Sem tais indicações, o homem tem sua identidade comprometida, pois poderiam conferir à personagem uma identidade, determinar sua relação com o meio em que se encontra e o situar em determinado contexto histórico

Naquela mesma altura e ao meio do trânsito, um homem fica cego. Surgiram várias ideias. Uns queriam que o levassem ao hospital, outros estavam cétricos, sobretudo com a disponibilidade rápida de um dos socorristas. Foi aí que, para o espanto de todos, o pobre senhor anuncia a sua cegueira e a caracteriza como uma cegueira branca diferente da normal ou comum, a patológica entendida como negra: “Não vejo, não vejo, murmurou entre o choro. (...). É como se estivesse no meio do nevoeiro, é como se tivesse caído num mar

de leite, mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, pois eu vejo tudo branco” (SARAMAGO, 2006, p. 13).

Esta cegueira de se ver o mesmo branco remete para uma anulação da exterioridade, por isso a importância metafórica da cor branca no romance. O branco é símbolo de uma neutralidade, de um vazio. Impedidas de olhar o invisível, esses indivíduos partem em busca do que não está no mundo da luz. O mar de leite que veem apaga todas as imagens, propiciando assim novas formas de interpretar os factos e as experiências.

A seguir, acontecem atitudes nobres por parte do indivíduo que decidiu ajudar o automobilista que cegou. Ajuda-o a chegar ao prédio, a subir até ao apartamento, dispõe-se a cuidar do cego até que a sua mulher volta, sendo, inclusive, apelidado de bom samaritano. Porém, o excesso de zelo preocupou o cego e pediu para descer que se arranjava sozinho, enquanto esperava pela esposa (SARAMAGO, 2006:13,14,15).

Não tardou, o comportamento do “bom samaritano” apresentava o que Hall (2002) abordara quando se referiu de que a humanidade se despira de sentimentos nobres e que o homem pós-moderno estava repleto de sentimentos ruins, representativos da podridão e putrefação do carácter humano, gerados, na visão de Saramago, pela cegueira. O socorrista furta o automóvel do cego que “zelosamente” o levou para a casa.

Neste sentido, pode-se vislumbrar se que se passará durante a análise desta obra: a crise gerada pela cegueira vai se mover através da violência e da desumanização, fazendo com que os valores de igualdade e de respeito mútuo, que eram estáveis e duradouros na pré-modernidade, sejam deteriorados, levando-nos ao desprezo da nossa própria raça e ao questionamento sobre nossos próprios valores.

Outra característica atribuída à identidade na pós-modernidade é o paradoxo. A situação identitária em que se encontra o sujeito na pós-

modernidade é considerada de instável, caótica, efémera e paradoxal, devido ao cruzamento de várias formas de identidade a que o indivíduo deve assumir, fruto das constantes transformações que se verificam nas mesmas sociedades. Em *Ensaio sobre a cegueira*, pode-se notar que a cegueira em que se vão mergulhar os personagens é paradoxal. Não é uma cegueira entendida com os padrões que a ciência médica estabelece para que ela se torne uma epidemia que ocorre entre os olhos e o indivíduo afetado.

Segundo Hall (2002), na perspectiva sociológica a identidade é formada na interação entre o “eu” e a sociedade. Apesar de possuir o seu “eu real”, o indivíduo é formado e modificado num diálogo contínuo com as culturas exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. Este facto mostra como a sociedade pode desconstruir o indivíduo, modificando o seu “eu real”, como ocorre no romance, quando o médico oftalmologista pede ajuda às autoridades e anuncia o advento de uma grande epidemia. Não mereceu qualquer atenção, sendo tratado de uma maneira grosseira, deixando-o em profunda insolência e tristeza. Assim, foi desfeito o núcleo interior do sujeito defendido por Hall (2002), colocando a identidade dos cegos numa total insegurança.

O texto não determina, no início, de que autoridades se referia, mas o médico oftalmologista encontrou alternativa: falar com o seu colega, o Diretor Clínico, com quem, segundo a narrativa, tinha alguma aproximação. Daí se percebe, com a intervenção deste, o interesse das autoridades. Elas tomam conta da situação e apresentam sua preocupação, mas carregada, mais uma vez, de falta de humanismo. Aqui, vamos ter presente mais um elemento característico da fragmentação do indivíduo, que é a padronização. Valores como fraternidade e amor ao próximo, na pós-modernidade, são ignorados, em virtude da decisão das autoridades em isolar todas as pessoas que cegaram, criando um novo mundo, o mundo dos cegos, que não se devem envolver com os que veem para evitar a contaminação. O certo é que as autoridades médicas reconhecem que a cegueira, a epidémica, não é contagiosa.

O individualismo é outra característica da pós-modernidade. Constitui, na narrativa, um aspeto negativo. As situações geradas pela modernidade, como a competição entre os homens, a necessidade que os indivíduos têm de se sentirem superiores ou melhores que os outros acentuam o individualismo presente nas identidades modernas. Hall afirma que: “É agora um lugar-comum dizer que a época moderna faz surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade” (HALL, 2002, p. 24-25). A maior expressão deste individualismo, do egoísmo e superioridade humana vem da atitude das autoridades e dos militares que guardavam o manicómio. Esses sentimentos estão expressos na reação das autoridades quando levam para o manicómio os contaminados pela cegueira e os que com eles tiveram contacto, excluindo-os para que os outros que ainda não foram contaminados (como eles próprios) continuassem imunes. Para estarem isentos de responsabilidades, as autoridades acreditavam que a epidemia atingiria apenas uma minoria, por isso isolaram os cegos contaminados.

Para Nanci Richter (apud BARBOSA, 2010, p. 5) “a preocupação maior do governo e dos seus membros não é a de tratamento para os contagiados, mas sim, a sua reclusão, e, com forte esquema de segurança, a fim de que o restante da população não seja infetado pelo mar branco”.

Daí se cogitam várias possibilidades para a pensada quarentena: optariam por manicómio abandonado e devoluto, um quartel militar que deixou de ser utilizado, um supermercado, a feira e, finalmente, decidem pelo manicómio. Aqui encontramos mais um elemento da abordagem sobre as identidades, quando Bauman (1997) refere que o Estado estabelece regras, normas e toma decisões em nome do coletivo.

Confirmada a decisão de se entregar os indivíduos cegados ao manicómio, vamos encontrar mais um motivo de abordagem sobre a questão

de identidade, na base dos reparos feitos pelos teóricos anteriormente citados. Trata-se do facto de o indivíduo pós-moderno quebrar os valores que lhe mantinham uma identidade fixa e estável, assumindo identidades várias e instáveis, de acordo com circunstâncias da sua atuação. As identidades, neste caso, são determinadas por fatores circunstanciais, podendo o indivíduo assumir várias maneiras de ser e estar, longe daquelas que estão ou foram estabelecidas pelas instituições sociais, tradicionais ou culturais. A mulher do médico oftalmologista assume uma identidade por se encontrar com o marido em situação de aflição. Ele está cego e não pode ir ao manicómio sozinho. Precisa dos cuidados da esposa. Se em condições normais o homem tem as diversas formas de tratamento e cuidados pelo tradicional costume de que a mulher, independentemente do seu status, tem espaço reservado para dar conforto ao seu marido, agora que se encontra cego, não há dúvidas que mais precisaria dela. Então, assume a identidade de cega, sem a ser de facto.

Dentro da linha da desconstrução das identidades estáveis e duradouras abordadas por HALL (2002), encontramos neste romance mais elementos que contribuem na fragmentação das identidades do sujeito: a desumanidade mostrada pelos soldados que guardavam e vigiavam o manicómio, quando manifestavam o desejo de cumprir uma eventual ordem de disparar mortalmente a quem quer que fosse, que evadisse o limite estipulado.

A falsidade mostrada pelos soldados do exército é mais outro elemento que representa, na perspectiva de HALL (2002) o descentramento do “eu” e da sua identidade, quando o soldado fala com simpatia e afeto ao prisioneiro como se estivesse a orientá-lo para um local seguro, quando, na verdade, o aproximava da posição mais privilegiada para o matar. O soldado tentou enganar o cego para que esse se aproximasse junto ao muro e tornasse possível atirar contra ele.

As relações humanas encontram-se numa autêntica revolução: a violência, a agressividade, o carinho, o cuidado e a solidariedade misturam-se frequentemente. Existe uma espécie de reconstrução de valores, mesmo naquele universo caótico, quando o médico e seu grupo decidem enterrar os mortos, dar-lhes um pouco de dignidade, perdida desde a entrada na quarentena. Existe uma possibilidade de essas pessoas aprenderem a viver em sociedade (SARAMAGO, 2006, p. 95).

A situação descrita pelos teóricos nas abordagens anteriores, sobre as identidades assumidas circunstancialmente pelo sujeito na pós-modernidade, traz a inveja, a chantagem e a traição como comportamentos adotados pelos cegos na vida confinada do manicómio. A inveja aparece na narrativa quando os vizinhos fazem o retrato dos moradores da casa do médico, nos seguintes termos: “Aqueles ou lhes corre bem a vida, ou são uns inconscientes e julgam poder fugir à desgraça rindo-se da desgraça dos demais” (SARAMAGO, 2006, p. 290).

Outro aspeto que nos chama a atenção sobre a presença do processo de fragmentação do sujeito na pós-modernidade é o facto de as pessoas rotularem as outras, isto é, julgarem as outras. Entre várias situações em que isto ocorre, salientamos, quando ocorre a notícia de que a rapariga de óculos escuros cegou. Por ser uma mulher de vida, muitos comentaram que se tratava de um castigo: “castigada por causa do seu mau porte, sua imoralidade, ora aí está. Dissera à mãe que não iria jantar a casa, e afinal chegaria muito a tempo, ainda antes do pai” (SARAMAGO, 2006, p. 36).

A putrefação e a degradação, como previu Hall (2002), podemos encontrá-las na narrativa, quando as senhoras ou mulheres são exigidas como troca para que suas camaratas recebessem comida. Por estes factos, podemos perceber até que ponto o ser humano chega a realizar suas necessidades, seus desejos e satisfazer seus sentimentos podres. Para além da humilhação moral,

que foi demasiada, a degradação física provocou a morte de uma das mulheres, devido aos maltratos e ao estupro. (SARAMAGO, 2006, p. 177).

Mais uma vez, previram teóricos (HALL, 2002; BUMAN, 1997; GIDDENS, 2001) um dos elementos estáveis e duradouros da identidade, as regras, é violado. Os cegos estão cientes que foram educados segundo a lei divina de não matar, porém as circunstâncias em que se encontram produzem uma nova identidade. Essa lei divina, moral e social é violada em busca de sobrevivência. O espírito de sacrifício apodera-se dos cegos e estes partem, sem medo, em busca de justiça por iniciativa própria. Prova disso é que uma mulher sai da camarata, vai até ao refeitório e, corajosamente, põe fogo nos colchões para matar os cegos malvados. Esta ação assume um carácter heróico, porque a corajosa mulher acaba morta. No dizer do narrador, relativamente a este episódio, “um acontecimento ruim, dificilmente nos oferece uma coisa boa” (SARAMAGO, 2006, p. 208).

Stuart Hall, quando apresenta a questão do descentramento do sujeito na pós-modernidade, aborda cinco grandes avanços. No quarto descentramento desenvolve a teoria de Foucault do “poder disciplinar” em que o indivíduo mantém a vida, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres, a sua saúde mental e física sob uma disciplina restrita. (HALL, 2002, p. 41,42). O que interessa realmente para a nossa abordagem é que, ao agrupar pessoas e submetê-las a um regime autoritário, o efeito é oposto ao que se espera. No meio da massa oprimida surge o indivíduo. “...Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (SARAMAGO, 2006:262).

Para finalizar a abordagem sobre a identidade em *Ensaio sobre a Cegueira*, importa salientar que, desde a primeira página deste romance, a esperança esteve sempre presente no meio do caos provocado pela cegueira branca. Olhando para facto de a mulher do médico não ter cegado, e pelas atitudes de muitos cegos, como o médico, dá para percebermos que ainda

guardam um pouco de humanidade em si. A presença do outro é necessário para que o ser humano saiba quem realmente é: “... Tu continuas a ver, cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais cega cada dia, porque não terei quem me veja” (SARAMAGO, 2006, p. 302).

2.2 A identidade em *Os transparentes*

O romance *Os transparentes*, da autoria de Ondjaki, é uma obra literária que faz um retrato crítico de Luanda na pós-modernidade, recheado de afeto e humor. Nele, o fantástico e o real entrelaçam-se numa sintonia impressionante, dentro do caos urbano característico das cidades contemporâneas. Encontramos uma literatura tipicamente africana, sobretudo da África portuguesa, em estudo, cheia de expressões e maneiras locais de expressão em contextos próprios.

São poucos os estudos críticos sobre esta maravilha da criatividade literária, mas tentaremos levar uma breve abordagem à luz dos pressupostos teóricos apresentados nas abordagens de Bauman, Giddens, Hall e outros que valorizaram a questão de identidade.

A teoria do indivíduo pós-moderno, fragmentado e instável, caracterizado pela situação caótica que lhe obriga a assumir várias identidades, dependentemente da situação em que se encontra, está presente em *Os transparentes*. Como ocorreu em *Ensaio sobre a cegueira*, este romance começa, igualmente, num ambiente caótico, um incêndio (ONDLAKI, 2012, p. 14).

A inauguração do salão foi um sucesso. Tudo correu como o previsto. O indivíduo pós-moderno abordado por Hall (2002) como sendo portador de várias identidades, devido ao fato de este assumir tais identidades de acordo com as circunstâncias em que se encontra a atuar como componente de uma sociedade, descurando os valores, as regras, as crenças, as tradições que o

mantinham atrelado a uma cultura e a uma sociedade, foi encontrado em *Os transparentes*. Nesta obra encontramos a corrupção como um dos elementos que representa a fragmentação do “eu” na modernidade, quando o polícia pretendia extorquir dinheiro em troca de um estacionamento mal efetuado na via pública (ONDJAKI, 2012, p. 121).

A violação das regras e leis estabelecidas pelas autoridades é vista igualmente como uma forma de fragmentação do indivíduo pós-moderno. Aqui, suposta autoridade desrespeita as regras e as leis, abusando das mesmas, ameaçando e maltratando o agente em serviço (ONDJAKI 2012, p. 120). A Autoridade está entre os cinco avanços abordados por Hall, a partir de outros teóricos, sobre o descentramento do sujeito na pós-modernidade.

Em romance em análise, é visível a influência do Estado-Nação no comportamento das nossas personagens ou no desenrolar da narrativa. Segundo Bauman (2004), independentemente de o Estado-Nação apresentar ao indivíduo alguns elementos fixadores de um certo traço identitário, as nações formam uma cultura. Por isso, fica vedada ao Estado-Nação a possibilidade de criação de padrões identitários, cabendo ao Estado estabelecer padrões como hino, bandeira, leis e outras formas de regulamentação da vida do indivíduo como cidadão. Mesmo assim, por causa de vários fatores, como o capitalismo, a industrialização, privilegiadas pela globalização, a fragmentação destes padrões é sempre presente nas atitudes dos indivíduos, obrigados a adaptar novas identidades, de acordo com o meio em que se encontra inserido (HALL, 2002).

O nome é um elemento importante para a conformação da identidade individual. Em *Os transparentes* e, como vimos, em *Ensaio sobre a Cegueira*, os personagens são geralmente tratados por profissões, atividades, posto público que ocupa. O prédio de sete andares era como uma “entidade viva”. Moram nele *Os transparentes*, que passamos a citar: um jornalista, um vendedor de conchas, um coronel, um mudo, um assessor, uma secretária, um ministrado,

normalmente apelidado de camarada ministro, um carteiro bisbilhoteiro, que abusa da confiança que lhe é depositada, pois, manipulava, lia e esquecia-se do conteúdo das cartas lidas, professores, fiscais, mulheres. O sujeito fragmentado, descentrado, com uma postura identitária instável, efémera e caótica está representado pelas *Os transparentes*, entre os quais encontramos o indivíduo pós-moderno embrulhado no mundo caótico e em estado de podridão da era contemporânea, desde a desonestidade, a corrupção, a prostituição, a deslealdade, a mentira, a descrença e o abuso à atividade religiosa, o desrespeito ao outro e às leis, costumes e normas, falsificação das instituições públicas, sobretudo com a criação da CIPEL (comissão instaladora de petróleo encontrável em Luanda) que nem instalações fixas para questões administrativas possuía, pois é uma instalação para alguém se instalar mesmo (ONDJAKI, 2012, p. 112).

O indivíduo na pós-modernidade, apresentado por Ondjaki, livre da âncora das estruturas que o controlavam, está embalado num ambiente frenético de um desenrascar de negócios ilícitos para garantir sua sobrevivência e dos seus (ONDJAKI, 2012, p. 12-13).

Hall (1996, p. 68) fala da identidade cultural colectiva que se caracteriza a partir de quadros de referência, que segundo o teórico são de carácter estável. Nesta reflexão, Hall apresenta a identidade cultural sob dois pilares, sendo o primeiro, a que cabe a nossa reflexão, por agora, considerado como identidade partilhada e unificadora, que na sequência das reflexões de Bauman (2005, p. 30), o indivíduo fragmentado tenta buscar o “nós”, desesperadamente para que tenham acesso a uma colectividade em que pode rever os seus valores que se fragmentaram consigo no processo caótico da pós-modernidade. Na mesma linha cultural, Bauman afirma que a identidade do indivíduo na pós-modernidade como caótica e instável, porque, segundo este teórico, o indivíduo perdeu as suas âncoras e, fragmentado, vai a busca do “Nós” para se rever com uma colectividade identitária. Em *Ensaio sobre a cegueira*, o manicómio era o

lugar ou o marco de referência para os cegos. Em *Os transparentes*, o prédio é um dos marcos de referência para *Os transparentes*. “Todos *Os transparentes* se reviam com essa referência. O Prédio de sete andares respirava como entidade viva” (ONDJAKI, 2012, p. 16).

Naquele mesmo prédio, que consideramos como marco de referência estável d*Os transparentes*, ocorre um caos permanente, rompem-se as regras sociais de convivência como a famosa lei de condômino. São efeitos de globalização que têm como consequência, segundo as abordagens, o enfraquecimento ou desaparecimento das formas fixas de identidade ou mesmo de entidades duráveis. Entre *Os transparentes*, o caos no prédio é pão de cada dia. A necessidade da adaptação da identidade de acordo com as circunstâncias envolventes do indivíduo é descrita e narrada no ambiente caótico do prédio (ONDJAKI, 2012, p. 128).

A degradação do ser humano e seu carácter desumano em que muitas vezes se encontrou mergulhado o indivíduo, todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; A questão da construção da identidade se tornou um esforço individual. Como em *Ensaio sobre a cegueira*, em que verificamos a necessidade de os cegos maus privarem a comida e outros mantimentos e condicionam a cedência dos mesmos a custa de prazeres sexuais, como moeda de troca, em *Os transparentes*, Odonato está obrigado a ver o filho em troca de um prato de bifes que poderia partilhar com ele. O agente de serviço precisa que, se Odonato quer ver de facto o seu filho, deve ser em troca dos bifes.

3. Considerações finais

Em *Ensaio Sobre a Cegueira*, a identidade constrói-se na coletividade: todos cegaram. A partir da proliferação da cegueira, o indivíduo assume outras formas de representação da identidade para se impor às várias situações

geradas pela estranha epidemia. Em *Os transparentes*, a identidade é apresentada como degradada e fragmentada. O autor faz um retrato despido da Luanda pós-moderna caracterizada por um “desenrasca” contínuo da sua população, para se impor às diversas situações que concorrem para a fragmentação da identidade. Os pressupostos teóricos abordados permitiram identificar, nas obras em estudo, as diversas concepções e tipos de identidade do sujeito pós-moderno, a nível cultural e nacional, e a influência do processo de globalização. Na perspetiva crítica, encontramos convergências que se sobrepõem às divergências, no aspeto temático. Aqui, as identidades são construídas e desconstruídas, no meio de instabilidade, efemeridade e do caos anunciado na pós-modernidade. Os factos protagonizados pelos personagens justificam as situações sobre a identidade.

Referências

BARBOSA, Nahinã de Almeida Rosa. Desconstrução da identidade humana em Ensaio Sobre a Cegueira. Cadernos de Pós-Graduação em Letras. São Paulo: vol 10, n. 2, 2010. Disponível: <http://www.editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9607/5892>

Acessado em 02/04/2020.

BAUMAN, Zygmund. *Identidade*. Entrevista a Benetto Venchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BAUMAN, Zygmund. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997

GUIDDENS, Antony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2001.

HALL, Stuart. Identidade, cultura e história. In: *Revista do Património histórico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN 1996.

Disponível:http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revi_phan&pagfis=8697 Acessado em: 29/03/2020.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. São Paulo. Editorial DP&A 2002.

ONDJAKI. *Os transparentes*. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Editorial Caminho. 10ª Edição, 2006.

SILVA, Ângela Ignatti. *Tempo, espaço e autoconsciência: a construção da identidade em Ensaio sobre a cegueira*. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em 12/11/2021.

Aceito em 02/03/2022.